A nova onda conservadora: a retomada do poder e a transformação da geopolítica mundial

Em uma eleição marcada por tensões e polarizações históricas, Donald Trump, o controverso e obstinado ex-presidente, retornou ao mais alto cargo dos Estados Unidos em 5 de novembro de 2024. Esse resultado, contudo, transcende a esfera interna norte-americana e representa, de fato, um movimento de ressurgimento global do conservadorismo. O retorno de Trump ao poder, com seu discurso nacionalista e sua postura firme sobre valores tradicionais, reflete uma guinada de proporções maiores, que se manifesta em diversos países e nos mais variados continentes.

Este novo ciclo conservador se fortalece não apenas como uma reação à globalização, mas também como um impulso em defesa de identidades e soberanias nacionais que, na percepção de muitos, estiveram ameaçadas nos últimos anos por políticas progressistas e por uma ampla gama de movimentos culturais. O fenômeno, portanto, é mais do que uma vitória política pontual: trata-se de uma reafirmação ideológica que encontra ressonância na Europa, na América Latina e na Ásia.

Conservadorismo: raízes e ascensão global

As raízes deste movimento conservador encontram sustentação tanto nas insatisfações populares quanto nos novos desafios impostos pela globalização. Nos Estados Unidos, os eleitores de Trump almejam um retorno à estabilidade econômica, à preservação dos valores familiares e à segurança nacional. Estes temas não são exclusivos da sociedade americana. Na Europa, observamos a ascensão de figuras conservadoras em países como a Itália, onde Giorgia Meloni se estabeleceu como uma das líderes mais influentes e defensoras da "civilização europeia", um conceito que resgata tradições e refuta os ideais multiculturais.

No Brasil, a maré conservadora ganhou fôlego com a eleição de lideranças que promovem políticas de austeridade, além de uma visão de soberania nacional marcada pela rejeição a intervenções estrangeiras e a uma postura mais cautelosa em relação a organismos multilaterais. Em países como a Hungria, a Polônia e até mesmo a Índia, líderes com perfis

semelhantes defendem uma agenda que privilegia o fortalecimento das fronteiras e uma resistência cultural e econômica ao que consideram como os efeitos desestabilizadores da modernidade liberal.

Esta tendência encontra respaldo também na Ásia. Na Índia, o nacionalismo hindu de Narendra Modi ecoa uma resistência à influência ocidental, colocando o país em uma posição de proteção de suas tradições, valores e cultura milenares. Esses líderes, no entanto, não surgem como vozes isoladas, mas como parte de um movimento que desafia, de maneira estruturada e orquestrada, as políticas de integração e pluralismo.

As razões da volta: análise social e econômica

A guinada conservadora global parece emergir de uma crise de identidade que o Ocidente enfrenta desde o início do século XXI, especialmente após as crises econômicas de 2008 e as subsequentes crises migratórias e de segurança. Esses eventos despertaram sentimentos de insegurança e desconfiança quanto às políticas progressistas e globalistas. Com milhões de trabalhadores descontentes com a precarização de seus empregos e comunidades temerosas pela perda de sua identidade cultural, o discurso conservador passa a ressoar como um antídoto às incertezas da modernidade.

Em nome da preservação das tradições e do resgate de valores centrais da sociedade, os novos líderes conservadores têm promovido a ideia de que o progresso deve ser buscado de maneira cautelosa, com raízes profundas na própria identidade nacional. Esse ethos se reflete na postura mais nacionalista, na defesa da religiosidade, e em políticas que promovem o endurecimento das fronteiras, colocando as necessidades do cidadão como o epicentro das ações governamentais.

O fenômeno Trump: implicações para o cenário internacional

Donald Trump, com sua vitória, redefine a política externa americana e propõe um

redirecionamento da relação dos Estados Unidos com o resto do mundo. Durante seu primeiro mandato, Trump fez dos acordos comerciais uma extensão de sua política nacionalista, com tarifas protecionistas e renegociações que priorizavam a indústria americana. Agora, em seu segundo mandato, espera-se que sua postura seja ainda mais incisiva, sobretudo em temas como imigração e segurança nacional. Esta postura, longe de isolar os Estados Unidos, parece encontrar eco em outras nações que também têm reforçado o desejo de priorizar o interesse nacional.

A vitória de Trump representa, portanto, uma ruptura com a política exterior tradicional, marcada por compromissos multilaterais e por uma diplomacia que buscava um equilíbrio global. Em seu lugar, ganha força um modelo que busca independência e autoridade, afastando o país das amarras de organizações internacionais e reforçando sua soberania.

As Críticas e o futuro da onda conservadora

É claro que esta onda conservadora não está imune a críticas. Muitos a consideram um retrocesso em termos de direitos civis, de tolerância cultural e de políticas inclusivas. O protecionismo econômico, ao lado de políticas imigratórias mais restritivas, gera preocupações de que o fechamento das fronteiras físicas e econômicas traga consigo um novo ciclo de desigualdades e segregações. Contudo, é importante observar que, para um segmento significativo da população mundial, a volta ao conservadorismo representa uma esperança de preservação dos valores que acreditam serem fundamentais para a coesão social.

A questão que se coloca é se essa tendência irá perdurar ou se estamos diante de um ciclo temporário. Historicamente, o pêndulo ideológico oscila entre períodos de avanço progressista e retrocesso conservador, em uma alternância que responde às demandas e às crises do momento. No entanto, a solidez deste movimento sugere que o conservadorismo não é apenas uma reação, mas um recalibrar de uma ordem mundial que, para muitos, havia perdido o sentido.

A nova onda conservadora: a retomada do poder e a transformação da geopolítica mundial

Com o retorno de Donald Trump à Casa Branca, a guinada conservadora se consolida como um fenômeno de amplitude global, afetando a estrutura geopolítica e inspirando nações a repensarem seus valores e suas prioridades. No cerne desta mudança está uma mensagem clara: em um mundo onde as forças da globalização frequentemente diluem identidades, o conservadorismo emerge como uma resposta de resistência e de resiliência cultural, ecoando o desejo de inúmeros cidadãos de preservar suas raízes enquanto enfrentam os desafios de um futuro incerto.